



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV**  
**CURSO INTENSIVO DE PEDAGOGIA**  
**CONVÊNIO UNEB/FAPES/PREF. MUN. DE M. DO CHAPÉU**

**AUTORES**

**JOANITA MARQUES DE SOUZA LESSA**  
**NEIVA CARVALHO PIMENTEL DA SILVA**  
**SELMA ROCHA DE OLIVEIRA**  
**SÍLVIA REGINA PEREIRA ROSA**

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**  
**LEITURA E ESCRITA**

**MORRO DO CHAPÉU**  
**2001**

45

**AUTORES**

**JOANITA MARQUES DE SOUZA LESSA  
NEIVA CARVALHO PIMENTEL DA SILVA  
SELMA ROCHA DE OLIVEIRA  
SÍLVIA REGINA PEREIRA ROSA**

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO  
LEITURA E ESCRITA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia com habilitação nas séries iniciais do Ensino Fundamental sob orientação da Prof<sup>a</sup> Lucinete Chaves de Oliveira.

CONSULTA



Morro do Chapéu  
2001

**UNEB - DEP. IV - JAC**

## **MENSAGEM**

*" O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo, através do qual as crianças penetram na vida intelectual dos que as cercam."*

**Vygotsky**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela onipotência e presença viva em nossas vidas.

Aos nossos familiares por permanecerem nos apoiando, ajudando sempre a levantar a cada tropeço.

Aos professores que aqui passaram, deixando um pouco do seu conhecimento e experiência; mesmo aqueles que deixaram a desejar.

Aos nossos colegas pela convivência e troca de experiências.

## SUMÁRIO

Introdução .....	05
Capítulo I – Referencial Teórico	
1.1 – Conceito de Alfabetização .....	09
1.2 – Importância da escrita .....	14
1.3 – Importância da leitura .....	16
1.4 – Variedades lingüísticas .....	20
1.5 – Sugestões didáticas metodológicas para o desenvolvimento da leitura e da escrita .....	23
Capítulo II – Metodologia Aplicada	
2.1 – Espaço e tempo da pesquisa .....	28
2.2 – Instrumentos e técnicas de coleta de dados .....	29
Capítulo III – Análise de Dados .....	30
Considerações Finais .....	37
Referências Bibliográficas .....	41
Anexos .....	43

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade aprofundar nossos estudos, compreender como ocorre a apropriação do conhecimento, através da leitura e da escrita no processo de alfabetização e nas séries iniciais do Ensino Fundamental nas Escolas Municipais de: Lagoa Nova, Tio Lauro, Tia Almerinda e Fidelina Rocha César.

É relevante o estudo em questão na medida em que o processo de alfabetização continua a se apresentar como um desafio para a grande parte dos profissionais de educação, devido às dificuldades que a escola brasileira vem enfrentando para cumprir a tal tarefa.

Nossa preocupação com esta questão decorreu das observações e do trabalho realizado com crianças nas séries iniciais do ensino fundamental, sobretudo com crianças das turmas de alfabetização.

Neste contexto questionou-se como os professores conseguem desenvolver as práticas da leitura e da escrita, se a forma como estavam trabalhando era satisfatória para a aprendizagem dos educandos. Assim, é preciso refletir e conhecer formas de alfabetizar e, analogicamente, refletir sobre o momento histórico-social em que estamos vivendo para operar as devidas transformações.

O presente trabalho concentra-se no propósito de conhecer melhor como ocorreu o processo de alfabetização, observando como vem sendo trabalhada a aquisição da leitura e da escrita, bem como os métodos aplicados pelos professores e os resultados obtidos, refletindo também, do ponto de vista do aluno, sobre as implicações do uso destes métodos para o seu processo de alfabetização.

A leitura não deve ser vista apenas como uma simples decodificação de códigos, o aluno deve ler e entender conscientemente o que está escrito. Segundo Cagliari ( 1999: 169), "*O objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Portanto a leitura é uma habilidade que precede a própria escrita*".

A leitura e a escrita são bases para a aquisição de uma leitura geral, sendo, portanto, o alicerce da aprendizagem escolar. Porém, para que esta se efetive na prática e promova benefícios sociais, precisamos obter condições concretas: meios e instrumentos de trabalho, situações reais de ensino-aprendizagem, etc.

Posteriormente, no corpo desta monografia, apresentaremos chamaremos à discussão o processo ensino-aprendizagem da leitura/escrita, fazendo-se necessário reestudar o leque das opções e escolhas dos métodos (sintéticos, analíticos etc) através dos quais os professores realizam o processo educativo de leitura/escrita, pois é comum a idéia de que o sucesso da alfabetização depende do emprego de bons métodos de ensino.

Evidentemente, o uso de métodos e processos de ensino ajustado às situações específicas facilitará a aprendizagem. No entanto, vale ressaltar que a alfabetização não é apenas uma questão de métodos, sua eficácia depende principalmente da coerência que deve existir entre o plano pedagógico e a metodologia aplicada.

De maneira geral, pode-se dizer que o processo de alfabetização engloba muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o educador de como se dá o processo da aquisição desse conhecimento, este terá mais e melhores condições para encaminhar de forma eficaz e produtiva o processo da aprendizagem da leitura/escrita sem os sofrimentos habituais.

Em busca de um trabalho significativo, este fundamentou-se nos seguintes teóricos: Luis Carlos Cagliari, Emília Ferreiro, Miriam Lemle, Magda Soares, Maria Tereza da Cunha Coutinho, e estudamos outros autores que referendam nossa proposta como Terezinha Nunes *et alii* e José Juvêncio

Barbosa, pois os mesmos possuem obras significativas que nos ajudarão a desenvolver o nosso trabalho com êxito e segurança.

Espera-se que este trabalho possa oferecer contribuições para os professores, pois parece ser o momento oportuno para uma revisão das idéias no plano educacional na área de alfabetização, geralmente cristalizados e reproduzidos pela tradição e pelos manuais técnicos de ensino.

## CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO

O ser humano, ao contrário da maior parte dos animais, precisa ser cuidado durante longos anos para sobreviver: não é capaz de garantir sozinho a satisfação de suas necessidades básicas, os animais são capazes de se defender desde pouco tempo após o nascimento, saindo em busca do alimento, água, abrigo.

O homem é, pois, desadaptado ao meio natural. O nascimento confere-lhe as características das espécies, mas não lhe oferece a condição humana. Esta é resultado de um lento processo de educação no interior do grupo social, que lhe permite desenvolver o pensamento, à linguagem, à consciência e adquirir saberes e habilidades já desenvolvidos pelos homens ao longo de sua história.

Nesse processo, ação, pensamento e linguagem são fundamentais, são os traços marcantes da presença humana no mundo. A transmissão de significados através da linguagem não ocorre de forma única, estes variam conforme as características dos falantes; seu lugar e grupo de origem,

dependem ainda do contexto em que se dá a comunicação, da forma que esta se realiza: verbal ou não - verbal, assim como depende dos papéis que as pessoas assumem em diferentes situações. Como afirma Cagliari (1999: 18) "... a linguagem é um fato social e sobrevive graças às convenções sociais que são admitidas para ela. As pessoas falam de maneira como seus semelhantes e por isso se entendem."

Considerando a supremacia da linguagem na inserção do homem em seu grupo social, salientamos que esta dar-se-á, primeiramente, através da alfabetização, processo que precede as primeiras séries do Ensino Fundamental. Inicialmente a alfabetização pode ser conceituada como a aprendizagem da escrita e da leitura, mas quando se entende que esta não se encerra antes das séries iniciais, será concebida como um processo de contínua descoberta, reconhecimento, relacionamento, interpretação e interiorização do universo da língua escrita.

A criança desde cedo aprende a falar e dominar a língua materna, utilizando-a para se comunicar. Ela adquire a linguagem a partir da interação com o adulto, tornando-a mais rica e fluente à medida que é ampla a interação social.

Existem duas maneiras de se ensinar à criança a aprendizagem da leitura e da escrita. Uma apoiada na concepção associacionista e outra apoiada na teoria construtivista.

- Concepção associacionista: a escrita é vista como um código de transcrição sonora numa relação direta entre o que se fala e o que se escreve. A aprendizagem da escrita se reduz a um processo de decodificação que se operacionaliza pela associação mecânica som-letra.

Pensando a escrita dessa forma, a alfabetização se constitui em aprender uma técnica de escrever e de decodificar os símbolos gráficos. O que conta como importante é a orientação da escrita da esquerda para a direita, a aprendizagem de letras, símbolos e palavras isoladas e a aprendizagem das formas corretas da escrita convencional.

Nesse contexto, o aluno é o passivo mero espectador e receptor do conhecimento, o objeto da aprendizagem. O professor assume o papel de ensinar-transmitir um conteúdo pronto e pré-estabelecido.

Concepção construtivista: é uma teoria formulada por Jean Piaget para explicar a origem e a evolução do conhecimento. Para ele o conhecimento não está no sujeito e nem no objeto, mas é construído na interação do sujeito com o objeto (FRANCO: 1995)

Nesta concepção a criança é a “protagonista” do seu conhecimento. E o professor deixa de ser um simples transmissor de informações para assumir o

papel de mediador-problematizador, provocador de conflitos cognitivos e de situações de aprendizagem.

É necessário, portanto, que a atividade pedagógica ofereça condições para que as crianças entrem em contato com uma realidade nova, a fim de levantarem seus questionamentos, elaborarem suas hipóteses e progredirem na construção do conhecimento.

A pedagogia da alfabetização tem disponíveis até hoje dois caminhos: o método sintético e o método analítico. Ambos visam levar a criança à compreensão da existência de uma correspondência entre os signos da língua escrita e os sons da língua oral.

O método sintético tem seu ponto de partida no estudo dos elementos da língua – letra, fonema, sílaba. E considera o processo da leitura como um esquema somatório: pela soma dos elementos mínimos, o fonema ou a sílaba o aprendiz aprende a palavra. Pela somatória da mesma, a frase e o texto. O método analítico parte dos elementos de significação da língua, palavra, frase, conto. E por uma operação de análise, a palavra é segmentada em seus elementos mínimos: o fonema ou a sílaba.

As duas abordagens se opõem nitidamente quanto às operações básicas que envolvem: síntese e análise. Mas as duas têm um acordo em comum: para aprender a ler, a criança tem de estabelecer uma correspondência entre som e

grafia. Tanto para uma como para outra, esta correspondência é a base da leitura. Ou seja a criança aprende a ler oralizando a escrita.

Concordamos com Cagliari (1999:23) quando ele afirma que "(...)  
*Métodos valem para quem é capaz de se beneficiar dele...*"

## 1.2 IMPORTÂNCIA DA ESCRITA

A aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e o agir do sujeito sobre o objeto que ele quer conhecer, e o conhecimento pela criança se dá a partir do contato deste com a escrita. Segundo FERREIRO & TEBEROSK (1999:32): *“Nenhuma aprendizagem conhece um ponto de partida absoluto, já que, por mais que seja o conteúdo a conhecer, este deverá ser assimilado pelo sujeito...”*

Ao entrar na escola, a criança já possui uma competência lingüística. A escola vai desenvolver atividades com o fito de melhorar seu desempenho oral e adquirir a língua escrita considerando a contextualização e a interação da criança com as convenções do nosso sistema ortográfico, pois a criança não desconhece totalmente a língua escrita.

Sendo a escrita uma prática cultural, é necessário que a criança entenda a utilização e função da linguagem escrita, o que representa e em que situações sociais são utilizadas. Segundo a Secretaria de Ensino Fundamental do Ministério da Educação e do Desporto, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (v.2:22): *“ser um usuário competente da escrita é, ter cada vez mais, condições para a efetiva participação social”*.

Quando escrevemos, dizemos alguma coisa a alguém e o nosso dizer difere, em relação à linguagem oral, em termos de precisão, clareza e

estética. O ato de escrever requer do aprendiz esforço intelectual, concentração do mínimo de informação e compreensão do funcionamento da estrutura da língua.

Não podemos considerar a escrita como produto exclusivo da escola, independente da vida e da prática social, já que ela representa todo o esforço da humanidade para representar e legitimar a linguagem. Por isso concordamos com a seguinte afirmação do Prof. Juvêncio Barbosa (1995:114): *“Hoje a escrita tem diversos usos, está presente na maior parte de nossas atividades do cotidiano e dela lançamos mão para dar conta de grande parte de nossas ações”*.

Para que a escola forme escritores competentes, é preciso fornecer condições para os alunos criarem seus próprios textos. Isso só será possível se tiverem amplos repertórios de modelos, que lhes permitam criar e recriar suas próprias criações. Não se pode criar do nada: é preciso ter boas referências. E as tais referências, muitas vezes, nascem do convívio social da criança com a sua comunidade literária.

### 1.3 IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Sendo a leitura uma ação à qual são atribuídos significados, exigindo muito mais que uma mera decodificação de códigos (palavras) e a tarefa de atribuir sons às letras, é equivocadamente impregnada nas escolas, através dos malabarismos técnicos do ensino vem formando leitores mecânicos que apenas realizam uma leitura superficial de qualquer texto, priorizando a atenção à gramaticalidade, tornando-se leitores incapazes de compreender tais textos. Talvez, um dos motivos responsáveis por este problema seja os textos elaborados exclusivamente para ensinar a lê-los de forma compacta, o que cria no aluno uma visão empobrecida e curta da leitura, suprimindo o conhecimento empírico que o aluno herda de sua família e de sua comunidade.

*Segundo os PCN's (V2: 36): "Não se forma bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura".*

Produzir bons leitores é um desafio para a escola em todas as partes do mundo.

Carvalho (1995; 11) afirma que: "... o bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na

*infância, antes mesmo de saber ler, através do contato com a literatura infantil e de experiências positivas no início da alfabetização”.*

Carvalho ainda afirma que *“a maneira pela qual o alfabetizador encara o ato de ler, determina em grande parte, sua maneira de ensinar”*.

E, além disso, acreditamos que a criança torna-se leitora muito mais pelas experiências extraclasse do que as realizadas em sala de aula.

Formar leitor competente é formar alguém capaz de selecionar, antecipar, inferir, interferir e verificar através do contato com a diversidade de texto e é preciso negociar conhecimentos numa troca de informações, recebendo incentivo de leitores mais experientes.

Barbosa (1995:136) coloca sua opinião afirmando que: *“O adulto mediador da leitura é intérprete de um mundo repleto de aventuras que permitem à criança alargar as fronteiras do seu próprio mundo. Com o apoio do adulto ela descobre que a leitura lhe permite viver experiências pouco comuns no seu cotidiano”*.

Quando a criança chega à escola já é um “bom” leitor de mundo, já observa e interage, dando significado aos seres, objetos e as situações que a rodeia. Ela se utiliza destas mesmas estratégias em busca de sentido para

compreender o mundo letrado. Freire (1994:31) afirma que “... *o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura de mundo, que sempre precede a leitura da palavra*”.

Na maioria das famílias pobres, os atos de leitura e escrita são raros ou inexistentes, sejam porque as pessoas não aprenderam a ler, seja porque suas condições de vida e de trabalho não exigiram, freqüentemente, o uso da língua escrita.

Para a criança de classe média, a alfabetização constitui o primeiro passo de uma longa carreira escolar que provavelmente terminará na universidade; este tipo de aluno usará com freqüência a leitura como forma de lazer e instrumento de comunicação social. Carvalho (1995:14) coloca sua opinião afirmando que: “... *a motivação das pessoas são diferentes e a escola se engana quando supõe que a leitura e a escrita têm o mesmo sentido para todos*”.

A escola deve proporcionar experiências ricas de situações de uso da leitura, favorecendo especialmente aquelas crianças que não tiveram a oportunidade de viver estas experiências em seu meio social e familiar.

Barbosa (1995:129) diz que “*Para não reproduzir as desigualdades sociais, é necessário que a escola seja capaz de proporcionar a todas as crianças*

*experiências prévias de leitura. Sem elas, a escola corre o risco de fracassar quanto aos seus objetivos e reproduzir as diferenças sociais do país”.*

A concepção de leitura é dinâmica, variando de acordo com as situações de leitura impostas por necessidades sociais. Quanto mais diversificadas e amplas forem as funções que a escrita assume no meio social, mais variadas vão ser as situações de leitura que o leitor encontra para agir socialmente, para se informar dos acontecimentos, pra usufruir os momentos de lazer, e para se situar criticamente diante do processo de desenvolvimento da sociedade.

#### 1.4 VARIEDADES LINGUÍSTICAS

Segundo Cagliari (1999:81) "... através do modo de falar de cada um, revela-se o status social dos indivíduos e grupos sociais, ficando definido o lugar de cada um na sociedade". A escola precisa se livrar de alguns mitos, tais como: a) o de que existe uma única forma de falar, a que se parece com a escrita; b) a de que a escrita é o espelho da fala e, sendo assim, seria preciso consertar a fala do aluno para evitar que este escreva errado. Cagliari (1999:82) ainda afirma que: "*... a escola como espelho da sociedade, não admite o diferente e prefere adotar só as noções de certo e errado, numa falsa visão de realidade*".

A escola deve mostrar aos alunos que a sociedade atribui valores sociais diferentes aos diferentes modos de falar a língua, e que esses valores, embora se baseiem em preconceitos e falsas interpretações do certo e errado do ponto de vista lingüístico, tem conseqüências econômicas, políticas e sociais muito sérias para as pessoas.

*FERREIRO (1994:26) coloca sua opinião afirmando que:*  
*"... o preconceito lingüístico é um dos mecanismos de discriminação, no interior da escola, com maiores conseqüências para as crianças... Porque ao desprezar uma variante dialetal se está desprezando não só a criança, mas também o grupo social a que ela pertence".*

Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma grande quantidade de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. BAGNO (1999:16) explica que: *“... da mesma forma como existem brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde também existem milhões de brasileiros sem língua”*.

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes e o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são seus e que são apresentados como “certos” enquanto os seus próprios padrões são ignorados como inexistentes, ou desprezados como “errados”. Soares (1994:15) adverte: *“... a responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos provenientes das camadas populares cabe à escola, que trata de forma discriminativa a diversidade cultural, transformando diferenças em deficiências”*.

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto da fala como da escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-las.

## **1.5 SUGESTÕES DIDÁTICAS METODOLÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA**

*Emília Ferreira (1999:99) afirma que: “As crianças não aprendem simplesmente porque vem o outro ler e escrever e sim porque tentam compreender que a classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque vêem letras e sim porque se propõem a compreender porque essas marcas gráficas são diferentes de outras. As crianças não aprendem apenas por terem lápis e papel a disposição, e sim porque buscam compreender o que é que se pode obter com esse instrumento. Em resumo: não aprendem simplesmente porque vêem e escutam, e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhe oferece”.*

Com base nestas informações forneceremos aqui sugestões aos professores de alfabetização, visando o melhor desenvolvimento da leitura e escrita da criança.

É muito importante que na alfabetização, a aproximação do aprendiz com a escrita e a leitura seja realizada de maneira gradual e significativa. É necessário considerar que a criança se expressa graficamente desde o momento que executa movimentos livres no papel, lousa, areia etc. Assim

desenhar livremente é fundamental para o desenvolvimento posterior da linguagem escrita.

É importante também nesse período, trabalhar com simbolização. A criação pela criança de símbolos para identificar objetos, locais, atividades do dia, tempo etc.

No período de alfabetização, o contato da criança com a palavra escrita, não se fará através, apenas, do desenvolvimento de atividades específicas, mas, também, através da identificação do próprio nome no seu material escolar, sacola, escova de dente e no manuseio constante de livros e revistas e pela leitura de história pelo professor.

Os jornais são também importantes fontes de letramento. De suas páginas é possível extrair, conhecimento informação e lazer. Para isso, porém, é preciso, aprender a lê-los. E isso pode ser feito antes mesmo da alfabetização (Revista Nova Escola: 2001).

O professor alfabetizador pode utilizar também do uso de filmes, painéis incentivar a criança a desenvolver o gosto pela leitura e escrita.

O material de educação infantil estimula tanto a criatividade do aluno quanto a do professor, atividades lúdicas e interativas, como jogos,

brincadeiras e experiências, despertam na criança a autonomia e o gosto pela descoberta.

Através da leitura desse material, a criança vai compreendendo, gradativamente, o significado da escrita e percebendo que a leitura possibilita conhecer “coisas novas e interessantes”.

## CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTIFICA

### INTRODUÇÃO:

O objetivo principal, neste capítulo será mostrar como foram feitas nossas investigações nas Escolas Municipais de Lagoa Nova, Tio Lauro, Tia Almerinda e Fidelina Rocha César do município de Morro do Chapéu.

Optamos por uma metodologia de pesquisa qualitativa participante, pois esta abordagem se distingue das outras por permitir ao pesquisador entrar em contato direto com a realidade e o espaço pesquisado.

Não temos a intenção em generalizar a pesquisa sobre o processo de alfabetização. Nosso objetivo é conhecer melhor como ocorre a aquisição da leitura e escrita observando como ela vem sendo trabalhada, que métodos são aplicados pelos professores e os resultados obtidos, refletindo também, do ponto de vista do aluno, sobre as implicações do uso desses métodos para o processo de alfabetização.

É de fundamental importância que se perceba o grande valor que tem a leitura e a escrita para as pessoas e para a sociedade, pois sendo ambas, meios de comunicação, permitem a interação do homem na sociedade, e em diversas situações do cotidiano, ressaltando a visão de que muitos autores se propuseram a estudar o tema que nos serviu de base na fundamentação teórica.

## 2.1. ESPAÇO, TEMPO E SUJEITO DE PESQUISA

Para realizarmos nossa pesquisa, escolhemos quatro professores de diferentes classes de alfabetização, na zona rural e urbana do município de Morro do Chapéu. A facilidade de acesso foi o critério básico adotado pela equipe para eleger o campo de investigação.

As escolas escolhidas para a nossa pesquisa, atendem alunos de educação infantil a 4ª série, nos turnos matutinos e vespertinos, contendo em média de 25 a 35 alunos por turma onde a clientela, na sua maioria, é de baixa renda

*Para Fiel (1978:15): “A maior dificuldades é encontrar professores para a 1ª série. Ninguém quer. E na maioria das vezes a escolha é feita por antiguidade. Geralmente a 1ª série é dada para o professor mais novo da escola, mesmo não gostando e não tendo condições”.*

Esta pesquisa teve curta duração, pois o seu início foi em 24/09/01 e seu término foi em 28/10/01.

## 2.2 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Ao iniciar a discussão sobre a construção do planejamento do trabalho realizado, escolhemos instrumentos de coleta de dados que nos serviram de base de sustentação e argumentação para que pudéssemos averiguar as dificuldades encontradas no processo leitura e escrita.

Os instrumentos que foram utilizados na nossa pesquisa para a coleta de dados foram questionários, observações diretas qualitativas e entrevista aberta com os alunos, que foram respondidas espontaneamente, versando sobre o tema em questão.

Sendo uma pesquisa de campo, fizemos um levantamento de dados no próprio local, onde os fatos ocorreram.

Nossa intenção ao escolhermos as escolas de Lagoa Nova, Tio Lauro, Tia Almerinda e Fidelina Rocha César, foi o de verificar como os professores trabalham a questão da leitura e escrita e se a maneira como estavam trabalhando estava sendo satisfatória para a aprendizagem dos alunos, pois ficou sabido que as maiorias dos professores não dispõem de conhecimentos das teorias que devem embasar o processo de alfabetização, o qual envolve simultaneamente a leitura e a escrita.

### **CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A partir dos dados coletados, estabeleceu-se característica comum entre as professoras observadas, quanto as suas posturas como alfabetizadoras. Para melhor compreensão e análise, estes foram divididos em categorias, a saber: CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO, MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO, PLANEJAMENTO DIDÁTICO, DIFICULDADES NA LEITURA/ESCRITA E AVALIAÇÃO.

As quatro professoras da pesquisa tiveram suas aulas observadas no mínimo de três vezes e no máximo de cinco vezes, em diferentes dias e horários, de maneira que se pudesse perceber as atividades desenvolvidas nas salas de aula.

Considerou-se também como critério de análise, o tempo de experiência dos sujeitos em classe de alfabetização, onde se percebeu que duas das entrevistadas atuam há quatro anos e as outras duas têm experiência de oito meses nessa área.

Todos os questionários foram respondidos e devolvidos pelas entrevistadas.

Diante do questionamento “o que é alfabetizar”, percebeu-se que a concepção de alfabetização de três professoras entrevistadas foi:

*“Conduzir a criança a conhecer o mundo da leitura e da escrita não só na escola como fora dela”.*

Nota-se que, nesta breve análise, as professoras se restringem ao ato de ler e escrever, sem enfatizar seu valor social. A aprendizagem da leitura e da escrita deve se vincular ao máximo possível a realidade dos alfabetizandos, priorizando não só a capacidade intelectual, mas também fatores de ordem social, emocional, perceptual, física e psicológica.

A quarta professora entrevistada afirma que alfabetizar é:

*“Levar o aluno a conhecer um pouco da leitura e da escrita”.*

Fica evidente que esta professora tem uma visão muito restrita sobre o tema. Não basta saber ler e escrever um pouco. é preciso também saber usar as habilidades de ler e escrever, atendendo as exigências da leitura e da escrita que a sociedade faz continuamente. Conforme afirma FIEL (1993:16):  
*“(...) Aluno alfabetizado é aquele que lê, domina a mecânica da leitura e a relaciona simultaneamente com o pensamento”.*

Quanto ao método foi feita a seguinte pergunta para as professoras entrevistadas: *quais os métodos que você utiliza para alfabetizar?*

Duas entrevistadas responderam o seguinte:

*“Eu não utilizo nenhum método específico, porque em cada momento surge a necessidade de utilizar um método diferente”.*

Dessa forma, não utilizam um método em especial como sustentação da sua prática pedagógica. Nota-se que as mesmas não tem um método específico, mas trabalham de acordo com as necessidades surgidas, em sala de aula.

As outras duas entrevistadas, para esta mesma pergunta, responderam o seguinte:

*“Ditado de palavras, textos, músicas, jogos e brincadeiras”.*

As entrevistadas não definem o método utilizado e ficou claro que não têm conhecimento do que seja um método, confundindo-o com metodologia.

Através das observações nas salas de aula, verificou-se que o ditado é uma prática constante, mas não está sendo aplicado adequadamente, do ponto de vista pedagógico e o mesmo não deve ser utilizado como instrumento de avaliação qualitativa dos seus alunos.



Ao fazermos a pergunta se o método utilizado tem facilitado ou dificultado o trabalho das mesmas, foram unânimes em afirmar que:

*“Tem facilitado bastante, porque utilizando métodos diferentes, atinge-se objetivos desejados”.*

Percebe-se que não estão familiarizadas com os métodos e têm uma visão distorcida do que seja método e metodologia.

Com relação ao planejamento, fizemos a seguinte pergunta: *“Como acontece o planejamento das atividades?”*

As quatro entrevistadas responderam que:

*“Às vezes é feito coletivamente, mas quase sempre é individual”.*

Nota-se que essas professoras precisam interagir com os demais para que haja uma troca de conhecimentos e experiências e possam planejar suas atividades em grupo.

Como afirma LUCK (1991:14): *“Planejar envolve habilidades de trabalho em grupo, de envolvimento de pessoas e de articulação de seus esforços, uma vez que sendo uma ação coletiva implica que seja feita de forma participativa”.*

Ao questionamento “*Seus alunos apresentam dificuldades na leitura e escrita? Quais?*”, todas as entrevistadas responderam que:

*“Os alunos enfrentam dificuldades na leitura e escrita, muitos não conseguem diferenciar um som de uma letra para outra”.*

É de fundamental importância que o professor saiba diagnosticar e avaliar as falhas de escrita cometidas por seus alunos, aproveitando-as como evidência do patamar de saber já atingido e do ainda por atingir. Muitas vezes os professores não consideram que a leitura e escrita exigem do aprendiz habilidades que não fazem parte do seu dia-a-dia até aquele momento. Capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras, ouvir e ter consciência dos sons da fala, saber escolher a letra certa para simbolizar cada som. Depois dessas habilidades serem atingidas pelas crianças, teremos alunos preparados e empenhados em aprender a ler e escrever.

Na verdade o educador não pode e não deve confiar em uma metodologia especial milagrosa, mas em sua experiência e criatividade, justificada pela sua competência pedagógica. É observando seus alunos, refletindo sobre sua prática, procurando aprofundar nos conhecimentos como leitura e escrita, que o profissional poderá compreender e atender às necessidades, às dificuldades e interesses de cada criança num dado momento.

Diante do questionamento: *“Que atividades você considera mais importantes para o desenvolvimento da leitura e escrita dos seus alunos? Porquê?”*.

Obteve-se a seguinte resposta por parte de duas professoras:

*“Atividades que despertem o interesse da leitura e da escrita, porque só assim eles irão desenvolver sua aprendizagem”*.

Verificou-se, assim, que estas professoras estão proporcionando, intencionalmente, aos alunos, o desenvolvimento do processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Já as outras duas entrevistadas apontaram atividades que são utilizadas na sala de aula, como:

*“Bingo de nomes, textos, ditado, receitas, jogos pedagógicos e brincadeiras coletivas”*.

Evidentemente estas atividades são atraentes e envolventes, pois proporcionam aos alunos o desenvolvimento de habilidades no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

É importante que o professor planeje desde o início do processo de aprendizagem de leitura, atividades que dêem oportunidades às crianças de interação com grandes variedades de textos impressos, de escritas sociais.

A escrita é uma atividade de exteriorização do pensamento, já a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização e reflexão.

A leitura é importante no dia-a-dia de todas as pessoas, é com seu auxílio que se adquire conhecimentos para melhor compreender a realidade.

Ao educador cabe diagnosticar o erro, por meio dele, observar com transparência o desenvolvimento do seu aluno. A partir dessa observação, ele pode criar conflitos para diagnosticar as certezas e hipóteses não adequadas que a criança tem sobre determinado assunto, e assim permitir o seu desenvolvimento cognitivo.

Durante as observações feitas nas salas de aula, escolhida para esta pesquisa, ficou constatado que, além do material didático disponível ser insuficiente, em algumas escolas o espaço físico é inadequado e não propicia um ambiente alfabetizador.

Ficou evidente que a maioria das professoras observadas, sentem-se inseguras em relação ao ensino de alfabetização, ou seja, a concepção dessas alfabetizadoras, resume-se em ler e escrever mecanicamente, enquanto que deveria decorrer de um processo de aquisição a ser construído por aqueles que aprendem. É através da percepção dos resultados das combinações das hipóteses que os aprendizes têm a respeito da leitura e da escrita, que poderão tornar-se efetivamente bons leitores e não bons carregadores de livros, influenciados pelas concepções e experiências daqueles que ensinam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de alfabetização é tão dinâmico e complexo que propicia ao aprendiz o surgimento de diferentes níveis de desenvolvimento que podem ocorrer independente da escolarização. Isto não significa desvalorizar o papel da escola, porém ela não deve ser vista como o único espaço onde o processo ocorre.

Compete à escola, além de estimular o desenvolvimento de conhecimentos e técnicas que favoreçam a leitura e a escrita, estimular também a tomada de posição diante da leitura. A concepção de leitura é dinâmica, variando de acordo com as situações de leituras impostas por necessidades sociais. Quanto mais diversificadas e amplas forem as funções que a escrita assume no social, mais variadas serão as situações de leituras que o leitor encontra para agir socialmente, para usufruir do momento de lazer, para se situar criticamente diante do processo de desenvolvimento da sociedade.

Assim, é necessário entender a alfabetização como um processo de apropriação do conhecimento da língua escrita, em que o aluno,

Produced by the National Archives and Records Administration

For more information on this document, please contact the National Archives at College Park, MD 20740

Telephone: 301-837-1200 or 1-800-826-4000

Reference ID: A66000

Document Title: [Illegible]

Date: [Illegible]

Author: [Illegible]

Subject: [Illegible]

Classification: [Illegible]

Accession Number: [Illegible]

Series: [Illegible]

Volume: [Illegible]

Page: [Illegible]

Keywords: [Illegible]

Summary: [Illegible]

Notes: [Illegible]

References: [Illegible]

Additional Information: [Illegible]

Administrative Data: [Illegible]

Classification Authority: [Illegible]

Document ID: [Illegible]

Page 1 of 1

gradativamente, irá ampliar e rever suas formas de ler o mundo e representa-lo com o domínio das regras que regem nosso sistema de escrita, a criança ampliará indefinidamente sua possibilidade de cognição.

A alfabetização, anteriormente tomada como mera atividade mecânica, individualista e desvinculada de outros conhecimentos, priorizava apenas o aspecto gráfico da língua escrita. Hoje, assumindo um sentido amplo, alfabetizar é interagir com o mundo por intermédio da língua escrita.

Diante das inúmeras dificuldades apresentadas pelas professoras entrevistadas, com relação ao ensino de alfabetização, é lógico concluir que têm pouco conhecimento nesta área e carecem de um aperfeiçoamento, pois para serem boas alfabetizadoras é preciso que estejam preparadas, que saibam conduzir o processo de alfabetização de forma a demonstrar que a leitura e a escrita têm função aqui e agora e não apenas num futuro distante. É provável que o aluno se sinta motivado para o esforço que a aprendizagem exige, mas cabe ao professor facilitar o conhecimento, incentivando o aluno na manutenção do esforço.

O professor, na sua prática pedagógica, pode variar os materiais e atividades de leitura, criando, a cada dia, situações novas e atraentes, afirmando o uso social da escrita, evitando o tradicional e não significativo uso escolar da escrita.

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

Pôde-se perceber, através das observações em salas de aula, que todas as professoras realizavam atividades que envolviam a leitura e a escrita, mas, nem sempre, os alunos estavam envolvidos.

É fundamental que a professora tenha conhecimento de que, quando o aluno não se interessa pela leitura, é a professora que deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse de envolvimento da professora com a leitura servem como modelos indispensáveis.

O professor deve gostar de ler e ser um leitor competente para tornar a leitura significativa e atraente, despertando, assim, o interesse do aluno por esta prática. Proporcionar momentos de leituras diárias, que incluam anedotas, adivinhações, jornais, receitas, histórias infantis e outros, contribuindo assim, para a formação de bons leitores.

Ficou claro que, como agentes transformadores e multiplicadores do saber, é preciso que os professores tenham domínio seguro das teorias que perpassam a compreensão da problemática que cerca a alfabetização.

*“É preciso repensar a alfabetização, rever metodologias, buscar compreensão dos porquês e conviver com as angústias e reconhecer aquilo que ainda não sabemos. Aceitar os erros como construtivos, aceitar o novo sem preconceito e não abandonar os acertos já conquistados”. (CÔCCO, 1995:02)*

... a ...  
... a ...  
... a ...  
... a ...

... a ...  
... a ...  
... a ...  
... a ...

... a ...  
... a ...  
... a ...  
... a ...

... a ...  
... a ...  
... a ...  
... a ...

... a ...  
... a ...  
... a ...  
... a ...



Os professores alfabetizadores precisam de uma formação especial mais sólida e sofisticada, dada a importância e complexidade do seu trabalho. É preciso oferecer melhores condições de trabalho, salários dignos, que lhes permitam dedicar-se integralmente à sua ação pedagógica.

Evidentemente, quando a escola, enquanto instituição, assumir a responsabilidade e contribuir para que o aprendiz torne-se alfabetizado no sentido amplo desde o início do processo, teremos indivíduos integrados e participantes, não só na escola, mas na sociedade como um todo.

Faint, illegible text at the top of the page, possibly a header or introductory paragraph.

Faint, illegible text in the middle section of the page.

Faint, illegible text in the lower middle section of the page.

Faint, illegible text in the lower section of the page.

Faint, illegible text at the bottom of the page, possibly a footer or concluding paragraph.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz.** 2ª edição. São Paulo: Loyola, 1999.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Literatura.** São Paulo: Editora Cortez, 1995.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília, 1988.

BOAS, Heloísia Vilas. **Outras Questões, Outras histórias.** 6ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística.** 10ª edição. São Paulo: Ed. Scipione, 1988.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador.** 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CÓCCO, Maria Fernandes & HAILLER, Marcos Antônio. **ALP: Alfabetização: análise, linguagem e pensamento: um trabalho de linguagem numa proposta socioconstrutivista.** São Paulo: Editora FTD, 1995.

FANNY, Abramovich. **Alfabetização e Lingüística: O estranho mundo que se mostra às crianças.** Editora SUMMUS, São Paulo, 6ª edição, vol. 13, 1983.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 4ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Trad. Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco Carso – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização.** 25ª edição. Editora Cortez. São Paulo, 2000.

PIEL, J. A. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

FREIRE, P. *A educação e a cultura*. São Paulo, 1934.

HOFFMANN, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

LEMLE, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

LUCIO, H. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

SILVA, J. *Aspects de la vie sociale à São Paulo*. São Paulo, 1934.

FIEL, Iselda Terezinha Sausen. **Alfabetização: Um desafio para o novo tempo**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 29ª edição. São Paulo: ed. Cortez, 1994.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 18ª edição. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1993.

LEMLE, Liriam. **Guia Técnico do Alfabetizador**. 8ª edição: editora Ática; São Paulo, 1994.

LUCK, Heloísa. **Planejamento em orientação educacional**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1991.

SILVA, Ademar. **Alfabetização: A escrita espontânea**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1994. (Repensando a Língua Portuguesa).

SILVA, Maria Alice S. Souza. **Construindo a leitura e a escrita: Reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização**. Editora Ática. 5ª edição. São Paulo, 1995.

СОКЕИНА

# **ANEXOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REDE UFRJ  
CURSO DE PEDAGOGIA

Resposta: a) O conceito de currículo é o conjunto de conteúdos, conhecimentos e habilidades que o aluno deve adquirir durante o processo de ensino e aprendizagem. b) O currículo é o conjunto de conteúdos, conhecimentos e habilidades que o aluno deve adquirir durante o processo de ensino e aprendizagem. c) O currículo é o conjunto de conteúdos, conhecimentos e habilidades que o aluno deve adquirir durante o processo de ensino e aprendizagem. d) O currículo é o conjunto de conteúdos, conhecimentos e habilidades que o aluno deve adquirir durante o processo de ensino e aprendizagem. e) O currículo é o conjunto de conteúdos, conhecimentos e habilidades que o aluno deve adquirir durante o processo de ensino e aprendizagem.

1. Data

2. Nome

3. Escola

4. Turma

5. Localização da escola  
6. Endereço

7. Nome do(a) professor(a)

8. ( ) - Faltas

9. ( ) - Aulas

10. ( ) - 1ª série

11. ( ) - 2ª série

12. ( ) - 3ª série

13. ( ) - 4ª série

14. ( ) - 5ª série

15. Como acontece o ensino/aprendizagem na sua escola?

( ) Individual ( ) Coletivo

16. De que forma você considera a atuação do professor na escola?  
17. Como você considera a atuação do professor na escola?

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
REDE UNEB 2000  
CURSO DE PEDAGOGIA

Professor(a) solicito sua colaboração e o preenchimento desse questionário que tem por finalidade observar as práticas de atividade de leitura e escrita no ensino fundamental. Todas as informações são confidenciais. Não serão divulgadas nem utilizadas com qualquer outro objetivo senão o da pesquisa.

1. Data
  2. Nome
  3. Escola
  4. Turma
  5. Localização da escola:  
 - Urbana     - Rural
  6. Série que leciona nesta escola  
 - Pré  
 - Alfa  
 - 1ª série  
 - 2ª série  
 - 3ª série  
 - 4ª série  
 - Multisseriada
  7. Como acontece o planejamento das atividades?  
 Individual       Coletivo
  8. De que forma você seleciona conteúdo e materiais didáticos para a elaboração do planejamento?
-

16. Que atividades você considera mais importantes para a preservação da leitura e da escrita em sua escola? Por quê?

17. A escola dispõe de materiais suficientes para a realização de seu trabalho? Por quê?

( ) Sim ( ) Não

18. Assinale os materiais que são usados para a realização do seu trabalho? Marque com um X.

- ( ) - Livros
- ( ) - Jogos de memória
- ( ) - Atividades manuais
- ( ) - Atividades musicais
- ( ) - Atividades de dramatização
- ( ) - Fichas
- ( ) - Cartões de perguntas
- ( ) - Cartões de respostas
- ( ) - Outros

19. Caso não tenha material suficiente para a realização do seu trabalho, como você pretende resolver esse problema?

20. O que é mais importante para você?

21. Há quanto tempo você trabalha na escola?

22. Seus alunos apresentam dificuldades de leitura e de escrita? Quais?

---

9. Que atividades você considera mais importante para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos seus alunos? Porquê?

---

10. A escola dispõe de material suficiente para a realização do seu trabalho?

( ) Sim                      ( ) Não

11. Assinale os materiais que sua escola dispõe para a realização do seu trabalho?

- ( ) - Literatura Infantil
- ( ) -Jogos de memorização
- ( ) -alfabeto móvel
- ( ) -Músicas (cds, fitas K7)
- ( ) -Instrumentos musicais
- ( ) -Cantinho de dramatização
- ( ) -Fantoches
- ( ) -Cantinho de brinquedos
- ( ) -outros

Quais?

---



---

12. Caso falte material didático na sua escola, o que você faz para compensar essa falta?

---



---

13. O que é alfabetizar para você?

---



---

14. Há quanto tempo você alfabetiza?

---



---

15. Seus alunos apresentam dificuldades na leitura e na escrita? Quais?

16. O que você faz para estudar e manter suas habilidades?

17. Como você trabalha os erros cometidos nos seus estudos?

18. Quais os métodos que você utiliza para estudar? Por quê?

19. Esse método tem facilitado ou dificultado seu trabalho? Justifique.

20. Qual a importância da leitura de livros e de artigos para as pessoas a par de seus estudos em psicologia?

21. Que técnicas você utiliza para avaliar seus estudos?

22. Que atitudes você adota com relação aos resultados de avaliações?

---

---

16. O que você faz para ajuda-los a superar estas dificuldades?

---

17. Como você trabalha os erros ortográficos dos seus alunos?

---

---

18. Quais os métodos que você utiliza para alfabetizar? Por quê?

---

---

19. Esse método tem facilitado ou dificultado seu trabalho? Justifique.

---

---

20. Qual a importância da leitura e da escrita para as pessoas e para os seus alunos, em particular?

---

---

---

21. Que critérios você utiliza para avaliar seus alunos?

---

---

22. Que atitudes você adota com relação aos resultados da avaliação?

---

---